



Revista ComSertões

## **As tecnologias sociais como ferramentas de educomunicação e produção de conteúdo discursivo e imagético sobre o semiárido brasileiro: um relato de experiência das organizações sociais em conjunto com a ASA<sup>1</sup>**

Uilson Viana de Souza<sup>2</sup>

### **Resumo**

Este trabalho tem como objetivo discutir as tecnologias sociais enquanto mecanismos de Educomunicação a partir do relato de experiência das organizações que compõem a ASA. A metodologia baseou-se na catalogação de materiais produzidos por estas instituições no que concerne à aplicação de tais tecnologias em culminância com os objetivos do projeto de Pesquisa-Ação: Uma Estratégia de Transição Agroecológica para a Sustentabilidade das Unidades de Produção Familiar no Semiárido Baiano. Como proposição e resultados foram indicadas as tecnologias apropriadas às famílias beneficiadas com o projeto servindo de base de dados para posterior uso e aplicação nas comunidades, bem como a discussão sobre a inserção das tecnologias sociais voltadas para a convivência com o semiárido.

**Palavras-chave:** Convivência; Educomunicação; Instituições; Instrumento; Comunidades.

### **Abstract**

This publication aims to discuss social technologies as mechanisms Educommunication from reporting experience of organizations that make up the ASA. The methodology was based on the cataloging of materials produced by these institutions regarding the application of such technologies in culmination with the objectives of the research project Action: A Transition Strategy for the Sustainability of Agro-Ecological Family Farms in the semiarid Baiano which I am a fellow and is coordinated by teacher Edonilce da Rocha Barros. As proposition and results were given appropriate technologies to families benefited from the project serves as a database for later use and application communities, as well as discussion about the inclusion of facing the coexistence with the semiarid social technologies.

**Keywords:** Coexistence; Educommunication; Institutions; Instrument; Communities.

### **Resumen**

Esta publicación tiene como objetivo discutir las tecnologías sociales como mecanismos de Educomunicación de la experiencia de las organizaciones que componen la ASA informes. La metodología se basa en la catalogación de los materiales producidos por estas instituciones en

---

<sup>1</sup> A ASA – Articulação do Semiárido brasileiro é uma rede de organizações sociais que trabalha pelo desenvolvimento do semiárido a partir de ações que visem a sustentabilidade da região.

<sup>2</sup> Graduado em Comunicação Social - Jornalismo em Múltiplos Meios pela Universidade do Estado da Bahia (UNEB); Tecnólogo em Administração de Empresas pela UNOPAR; Pós-graduando em Educação Contextualizada para a Convivência com o Semiárido pela UNEB, e em Gestão de Políticas Públicas em Gênero e Raça pela Universidade Federal da Bahia (UFBA). Atualmente é professor do Centro Territorial de Educação Profissional do Território de Irecê Bahia (CETEP) nos cursos técnicos de Agropecuária, Administração e Secretariado Escolar.



## Revista ComSertões

relación con la aplicación de dichas tecnologías en la culminación de los objetivos de la acción proyecto de investigación: una estrategia de transición para la Sostenibilidad de agroecológicas Family Farms en el semiárido Baiano la cual soy miembro y está coordinado por el profesor Edonilce da Rocha Barros. Como propuesta y los resultados se dan las tecnologías adecuadas a las familias beneficiadas por el proyecto sirve como una base de datos para el uso y la aplicación comunidades, así como la discusión sobre la inclusión de frente a la convivencia con las tecnologías sociales semiáridas.

**Palabras clave:** Convivencia; Educomunicación; Instituciones; Instrumento; Comunidades.

### 1. Introdução

Este relato é fruto de minha experiência enquanto bolsista do projeto Pesquisa-Ação: Uma Estratégia de Transição Agroecológica para a Sustentabilidade das Unidades de Produção Familiar no Semiárido Baiano, aprovado pelo CNPq (Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico) e desenvolvido entre os anos de 2011 a 2013 através da Empresa Baiana de Desenvolvimento Agrícola (EBDA) em parceria com a UNEB (Universidade do Estado da Bahia). O projeto contemplou estudantes de Pedagogia, Agronomia e Comunicação Social. A minha atuação se deu dentro do Subprojeto de Tecnologia da Comunicação e Informação na Extensão Rural, tendo em vista a produção de peças de comunicação no intuito de contemplar o seu público alvo, ou seja, as famílias beneficiadas pelas tecnologias sociais na área de atuação da EBDA. O projeto foi coordenado pela professora Dra. Edonilce da Rocha Barros do Departamento e Ciências Humanas da UNEB.

### 2. Desenvolvimento

#### 2.1 A Articulação no Semiárido Brasileiro (ASA)

A ASA é um espaço de articulação de entidades da sociedade civil que compartilham dos mesmos princípios discutindo e propondo políticas de convivência para o Semiárido.

A articulação no Semiárido Brasileiro (ASA) é uma rede de organizações sociais atuantes na região que tem por missão fortalecer a sociedade civil na construção de processos participativos para o desenvolvimento sustentável e a convivência com o semiárido, referenciados em valores culturais e de justiça social (ASA, 2011a, p.2).



Desta forma a ASA é um importante espaço de discussão sobre as políticas para a convivência com o semiárido. As bandeiras de luta estão voltadas não só para o acesso a água, mas também para o debate da educação contextualizada, a comunicação, a formação, entre outras. Este conjunto de organizações vem ao longo de sua existência desenvolvendo um trabalho que possibilite outra visão sobre o Semiárido Brasileiro (SAB), tendo em vista que esta região historicamente é definida como lugar de seca e êxodo, alimentando com este conceito uma política de indústria da seca.

Propositadamente, as políticas de combate a seca ajudaram a construir no imaginário popular uma falsa ideia sobre o Nordeste: um lugar apenas de terra seca e rachada. Os meios de comunicação contribuíram muito para isso, pois, passaram a priorizar, a partir do final do século XIX, apenas as notícias e os fatos relacionados à seca. O que na verdade era resultado da falta de infraestrutura hídrica e produtiva, virou apenas a falta de água. O que era ausência do estado enquanto provedor de políticas públicas, passou a ser a incapacidade de seu povo de inovar e criar alternativas de conviver com as condições de semiaridez da região (ASA, 2011b, p.04)

Desta forma, a região tem sido estereotipada com uma imagem distorcida que vem sendo reproduzida pela mídia convencional, o que acaba por ocultar as experiências exitosas a exemplo das tecnologias sociais. A seca que é um fenômeno natural do clima semiárido é anunciada pela grande mídia como algo novo e estranho a esta região, desconsiderando que pela característica climática há todos os anos um intervalo de estiagem de oito meses (IRPAA, 2001, p.31). Os meios de comunicação tem conseguido deslocar a visão ultrapassada do SAB para outros campos, fortalecendo outros interesses e distorcendo as diversas causas e experiências de convivência com o semiárido.

Vemos a repetição das mesmas cenas de seca que são mostradas pelo mesmo ângulo sem mostrar o avanço social e tecnológico das experiências que foram sendo desenvolvidas ao longo de décadas por agricultores e entidades, que encontram aqui alternativas viáveis de conviver com o clima (SOUZA, 2014,p.20).

As cenas que se repetem todos os anos dão uma conotação exacerbada do semiárido brasileiro principalmente para quem mora em outras regiões do país. No campo da Comunicação Social é perceptível como o conceito de enquadramento da notícia é totalmente induzido ideologicamente por um discurso midiático. Por outro lado o enquadramento da



**Revista ComSertões**

notícia que segundo Cristofeleti (2010) levaria o telespectador a refletir sobre determinada realidade dada por vários ângulos não se aplica, ocultando desta forma um outro olhar sobre o sertão semiárido.

## **2.2 Tecnologias Sociais e Educomunicação: pilares na construção de conteúdo discursivo e imagético sobre o Semiárido**

A educomunicação é compreendida como uma prática que congrega a educação e a comunicação, onde possibilita a produção do conhecimento de forma coletiva, interagindo com uma metodologia voltada para a relação e o empoderamento com e dos sujeitos. Na Europa o conceito de Educomunicação é definido como “Media Education, o que significa educação para a recepção crítica dos meios de comunicação” (SOARES, 1999, p.03). Neste espaço os sujeitos aqui não são classificados em estudantes e professores separadamente, mas numa práxis onde se valoriza a possibilidade e a capacidade deste conhecimento ser construído em conjunto. Isto contempla a necessidade de discutir um novo modelo de educação pautada numa pedagogia que dê autonomia aos sujeitos.

A construção deste novo ecossistema demanda, sobretudo, uma pedagogia específica para sua própria disseminação: uma pedagogia de projetos voltada para a dialogicidade educacional, em condições de prever formação teórica e prática para que as novas gerações tenham condições não apenas de ler criticamente o mundo dos meios de comunicação, mas, também, de promover as próprias formas de expressão a partir da tradição latino-americana, construindo espaços de cidadania pelo uso comunitário e participativo dos recursos da comunicação e da informação (SOARES, 1999, p.3).

É neste aspecto que podemos verificar uma forte relação das tecnologias sócias com a educomunicação, partindo do princípio de que o processo de construção destas tecnologias parte de uma concepção dialógica, onde os seus atores participam diretamente da criação e invenção destas, não ficando refém de modelos impostos, mas recriando seus saberes e sendo protagonistas de suas próprias formas de expressão, trazidas na reprodução do saber popular, levando a cumprir um papel social de cunho comunitário e participativo, como já afirma Soares (1999).



Isto evidencia mais fortemente a relação entre educomunicação e tecnologias sociais quando percebemos a dimensão que estas tecnologias vão tomando a partir da replicação deste conhecimento e da própria técnica de construção a partir das metodologias participativas de educação e comunicação desenvolvidas pelas instituições sociais nos momentos de intercâmbio e multiplicação deste saber para outros trabalhadores rurais.

Trilhando por este entendimento, as tecnologias sociais colocadas enquanto experimento e instrumento testado e aprovado a partir de um processo de aprendizagem e troca de saberes são reconhecidas como método da educomunicação. Esta constatação parte do princípio da experimentação a partir de um conhecimento já reconhecido pelo seu produtor (agricultor) e passa por um processo de avaliação, adaptação e disseminação, onde envolve outros atores. Desta forma elas cumprem um papel social, acumulando e replicando um conhecimento que parte de seu experimentador, para um campo mais amplo que se dá com a replicação em outras propriedades e regiões.

Essas experiências, sedimentadas nas mais variadas comunidades criam condições de vida digna, garantem segurança e soberania alimentar e nutricional, geram renda para milhares de famílias e constituem-se em importante ferramenta de promoção da cidadania e diminuição da pobreza rural (ASA, 2011b, p.02).

Esta dinâmica contribui para a produção de um conteúdo discursivo sobre o semiárido, respaldando o debate da convivência enquanto ferramenta prática deste discurso. O que consequentemente leva a construir uma nova imagem sobre o SAB (Semiárido Brasileiro) a partir das publicações destas tecnologias. As publicações da ASA são um caso a ser citado, tendo em vista que estas traduzem o saber popular do dia a dia dos agricultores experimentadores através das publicações, revelando o potencial produtivo, tanto intelectual como também das formas de produção e consumo alimentar a partir das tecnologias. A sistematização destas experiências e a utilização das mesmas traduzidas de forma clara tanto nas imagens como nos momentos coletivos de mutirões, dias de campo e intercâmbios, refletem em uma prática de educomunicação.

### **2.1.1 As tecnologias sociais: de experimento popular a instrumento de política pública**



## Revista ComSertões

A agricultura e a agropecuária são práticas milenares presentes em todo o mundo. Na história da humanidade, o homem primitivo começou a relacionar-se com a terra a partir do uso de mecanismos adaptáveis à realidade da época. No processo de evolução do conhecimento, estes instrumentos foram sendo melhorados e outros novos foram criados, a exemplo da capinadeira, da enxada, etc. Num processo de modernização muitos destes materiais foram sendo trocados por maquinários que surgiam com o processo da mecanização agrícola, a exemplo do trator, que entrou na região semiárida, sem ao menos ser questionada a forma de uso em outros países onde ele se adaptava à realidade de produção em outros climas e solos.

O uso de equipamentos pesados tem causado um processo de degradação e desertificação de longas áreas de terra. Na agropecuária, os costumes de manejo considerados ainda rudimentares pelo uso dos primários se davam a partir da utilização de produtos naturais no caso da cura de doenças dos animais. As formas de alojamento dos animais, bem como os recipientes para dar de beber e comer vinham da exploração da própria natureza, é o caso dos barris, dos coxos, das tendas de palha e cercas de madeira, dentre outros. O que presenciamos hoje é um incentivo pelo consumismo que chega às propriedades dos produtores rurais. No início da chamada revolução verde, os técnicos extensionistas cumpriram muito bem este papel.

Estes levaram os produtores a uma prática inconsciente, sem ao menos prever os custos e as futuras consequências, a exemplo do que costumeiramente acontece na região Nordeste com a implantação de projetos rurais que não discutem nem se relacionam com uma demanda local. As instalações rurais, a construção de casas de farinha em regiões que não produzem esta cultura e o uso de insumos agroquímicos e de maquinários pesados, são apenas alguns destes exemplos. Estas práticas estiveram mais a serviço de uma política de indústria da seca, do que efetivamente voltadas às necessidades da família camponesa. Mas a conjuntura atual também reserva espaço para contar, conhecer e disseminar o conhecimento vindo do seio do agricultor, que nasce junto com a prática da agricultura e da pecuária: um conhecimento milenar, chamado hoje de tecnologias sociais, acolhido pela prática educacional e aplicadas pelas organizações sociais e entidades de assessoria.

Partilhado através da disseminação e usos, aplicados no trabalho coletivo de associações e cooperativas, sendo transferidas para o cotidiano de cada produtor. Muitos destes agricultores vêm ao longo dos anos experimentando novas maneiras de continuar



## Revista ComSertões

vivendo nesta região e colocando em prática velhas maneiras apreendidas com seus pais e antepassados. Aqueles produtores que experimentam novas práticas e partilham seu saber e suas estratégias de convivência com o semiárido são conhecidos como agricultores experimentadores destas tecnologias. Estas são sociais por serem desenvolvidas de forma justa e social, com o conhecimento empírico de cada agricultor, sem impactar o meio onde vive. Um passo importante é como estas práticas desencadeiam e faz chegar ao conhecimento de outros interessados.

Destaco para este meio, o papel fundamental das organizações, que é o de assessorar os agricultores experimentadores no desenvolvimento e aperfeiçoamento destas tecnologias. A adaptação, o experimento em dias de campo, por exemplo, vai cumprindo o papel de difusão destas tecnologias que depois são multiplicadas de acordo a realidade de cada região. A cisterna é um destes casos. Inventada por um pedreiro, ela foi testada, melhorada, e conseguiu se tornar uma das tecnologias mais acessíveis e difundidas no semiárido brasileiro, transformando-se em uma política pública.

A ASA luta incessantemente para que o direito da água seja respeitado. Por este motivo, as experiências de captação de água de chuva, desenvolvidas em milhares de propriedades e comunidades rurais da região, baseadas em metodologias simples, baratas, acessíveis, de domínio das famílias agricultoras, de comprovada eficiência técnica, são extremamente importantes para a garantia do direito à água no semiárido (ASA, 2011, p.07).

As tecnologias sociais têm ajudado a construir outro cenário na região semiárida, primeiro porque possibilita recriar maneiras e possibilidades de conviver com as dificuldades da seca, não perdendo de vista o acúmulo de conhecimento que os produtores e usuários destas tecnologias têm apreendido, levando a valorizar suas identidades, mas também inovando suas práticas, possibilitando desta forma a construção de projetos de vida pautados na sustentabilidade. De acordo com Souza (2009) o cultivo voltado para a produção agroecológica já praticado por estes agricultores mostra que as tecnologias sociais não estão por si só separadas deste processo, mas se compõem enquanto parte e instrumento prático para viver com dignidade no Sertão . Por conseguinte, mostra a capacidade do sertanejo de recriar estas condições favoráveis contribuindo para um capital intelectual e a oferta de práticas que poderão fomentar políticas públicas, através das organizações, das parcerias e de uma autonomia construídas entre agricultores e entidades.



### **2.1.2 A relação entre a educação popular e a comunicação de cunho social**

As experiências em torno da educação popular nascem no seio das organizações do movimento social, que inspiradas em pensadores como Paulo Freire, iniciaram a partir da década de 70 a disseminação de outra forma de educação pautada na construção coletiva do saber, na interrelação do conhecimento popular com o científico, sem perder de vista a contextualização entre gente, lugar e saber.

Na América Latina, os esforços em potencializar projetos e ações em que a comunicação e a educação se articulam são tributários de práticas como a do movimento do Novo Cine Latino-Americano, das concepções de educação popular desenvolvidas por Paulo Freire, da teologia da libertação e das lutas por uma nova ordem mundial da informação e da comunicação (UNISINOS, 2001, p.2).

A comunicação por sua vez ganhou espaço nas organizações sociais enquanto lugar de integração com esta educação popular através da produção de conteúdo, divulgação e da publicação de materiais contextualizados. Desta forma o termo comunicação social tem sido utilizado de forma mais efetiva nestes espaços enquanto um modelo de comunicação voltado para a emancipação de atores sociais, capazes de promover sua própria comunicação, gerando conteúdo. Neste sentido esta comunicação se caracteriza enquanto movimento de comunicação popular, alternativa ou comunitária.

Para Kucinski (1991, p. XVI), a comunicação popular tem origem nos movimentos populares dos anos de 1970 e 1980, no Brasil e na América Latina, apresentando-se enquanto opção diferente e consolidada pela força dos grupos populares e pastorais sociais da igreja católica. Segundo este estudioso a imprensa alternativa vai surgir alicerçada por este conjunto de forças que propunham um projeto de transformação social, aliado ao desejo de jornalistas e intelectuais de encontrarem outros espaços voltados para uma prática alternativa da comunicação.

A educação popular e a comunicação alternativa são pilares para uma nova área interdisciplinar do conhecimento, conhecida como educomunicação, esta por sua vez inspirada nas experiências dos movimentos sociais e de universidades e estudiosos. A experiência do Núcleo de Comunicação e Educação da Universidade de São Paulo, ao



## **Revista ComSertões**

desenvolver uma pesquisa sobre práticas educomunicativas, que culminou depois em programas de governo do estado, em práticas formativas com educadores e estudantes, durante a execução de um projeto chamado educom.rádio e conseqüentemente na inserção de um curso de graduação nesta área, concluiu que

Efetivamente um novo campo do saber, absolutamente interdisciplinar e com certa autonomia em relação aos tradicionais campos da educação e da comunicação, mostrava indícios de sua existência, e que já pensava a si mesmo, produzindo uma metalinguagem, elemento essencial para sua identificação como objeto interdisciplinar (SOARES, 1999, p.2).

Observando a trajetória da educação de cunho popular e da comunicação alternativa no Brasil e na América latina é que percebemos a importância da dinâmica educomunicativa desenvolvida pelas organizações sociais, aplicada a uma nova metodologia da construção coletiva do saber, neste caso apoiada aqui nas diversas experiências de disseminação do saber popular por meio da multiplicação das tecnologias sociais e do intercâmbio entre os atores sociais dotados desta sabedoria sertaneja. Tomando como base esta trajetória e o que considera Sousa (1999, p.11), percebemos que a educomunicação é de fato um produto da herança histórica desta perfeita mediação entre a comunicação e a educação.

### **2.1.3 Intercâmbios: espaço de troca de experiências e aplicação das tecnologias sociais**

Uma das estratégias de multiplicação do conhecimento adquirido e repassado de agricultores para agricultores acontecem durante os intercâmbios. Eles fazem parte de uma metodologia participativa da troca de conhecimentos, onde os agricultores são mobilizados a visitar outras áreas e experiências que são consideradas exitosas para o exercício cotidiano de suas ações no campo. Não deixa de ser também uma metodologia aplicada à educomunicação em se tratando de uma prática de educação popular, onde este conhecimento é construído em conjunto e a comunicação social acontece nestes espaços através da forma de como as tecnologias são divulgadas.

Esses momentos de partilha acontecem entre comunidades, municípios, e estados, incentivando uma identidade camponesa regional, sertaneja, caatingueira, fazendo circular o conhecimento produzido nos diversos lugares de todo o semiárido. O saber popular, somado ao conhecimento



**Revista ComSertões**

técnico, gera soluções inovadoras com impactos positivos na vida das famílias. (ASA, 2011a, p.20)

Os intercâmbios são espaços legitimados tanto pelos agricultores como pelas entidades de assessoria, pois são neles que é concebida a troca de experiências e o acúmulo do saber dialogicamente construído.

### **3. Metodologia**

A realização deste trabalho científico partiu inicialmente de uma demanda presente no projeto que se tratava da elaboração de um material que viesse a servir de subsídio para os agricultores e agricultoras assessorados pela EBDA. Neste caso pensou-se na elaboração de uma cartilha com as tecnologias apropriadas ao semiárido e que de fato fossem utilizadas pelos produtores. De imediato foi feita uma reunião em uma das comunidades atendidas no município de Juazeiro-Bahia, a fim de identificar as demandas e as dificuldades vivenciadas pelas famílias em pleno contexto de estiagem nesta região semiárida. Percebeu-se, pois a partir desta visita e das discussões internas que já havia um grande acúmulo sobre a produção e divulgação destas tecnologias pelas próprias instituições de assessoria técnica na região a exemplo do IRPAA (Instituto regional da Pequena Agropecuária Apropriada) e da EMBRAPA (Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária) e da própria EBDA. Neste caso, ao invés de reinventar a roda, decidimos construir um estudo sobre estas tecnologias a partir da elaboração de um artigo científico enquanto relato de experiência destas organizações.

A partir disto foi realizada uma catalogação dos materiais: cartilhas, folhetos, livros publicados pelas referidas organizações. Tendo-os em mãos, a ideia foi descrever a experiência na tentativa de fazer uma relação das tecnologias sociais enquanto instrumentos de educomunicação e vetores de um novo discurso imagético sobre esta região.

É sabido, pois, que os poucos materiais que propagam o semiárido com vida e perspectiva de inovação, são em sua maioria publicados por estas organizações, do contrário vemos e ouvimos a cada dia uma exarcebada produção discursiva, imagética e escrita sobre o semiárido como lugar pobre, inerte, incapaz, restrito e condenado pela sua condição climática. Para além disto, este relato resgata também um pouco da história da educação popular e da comunicação alternativa, enquanto bandeiras de lutas das organizações populares a fim de contextualizá-las neste campo.



### **Considerações finais e resultados**

A produção deste relato de experiência aponta como resultados:

- A discussão sobre a inserção das tecnologias sociais voltadas para a convivência com o semiárido, sendo desta forma, reconhecidas pelo projeto acima referido como instrumentos viáveis para a convivência, auxiliando assim todas as famílias envolvidas;
- Considera-se como aporte deste resultado a divulgação destas tecnologias através deste meio científico, sendo, portanto, considerado um avanço saído do campo prático para o teórico, cumprindo desta forma uma das funções pedagógica e dialógica da proposta educacional;
- Torna-se ainda um instrumento político/teórico para incrementar o debate sobre a proposição de políticas públicas advindas da experiência destas tecnologias, valorizando as produções oriundas das organizações em estudo;
- Cumprindo um papel de orientação, no sentido de tornar um mecanismo de debate e discussão entre técnicos e agricultores sobre que tecnologias aplicarem e qual a sua função social para além do que elas têm servido no dia a dia da família camponesa, a exemplo da cisterna, da barragem subterrânea, do barreiro trincheira, dentre tantas outras reinventadas pelos agricultores e melhoradas pelas suas instituições de assessoria técnica;
- Enquanto relato de experiência da ASA e suas organizações sociais, possibilitou discutir uma infinidade de assuntos e trazer presente a possível relação entre a comunicação e a educação desenvolvidas nos espaços das organizações sociais, percebendo e elencando desta forma a íntima relação destas tecnologias com a educação;



## Revista ComSertões

- Buscou-se também entender como os agentes sociais que desenvolvem uma prática alicerçada no discurso da convivência com o semiárido, procuram interagir com o conhecimento popular vindo dos agricultores.

Trilhando por estas percepções, conclui-se que ações como a disseminação das tecnologias sociais são práticas educacionais e processos de construção coletiva do saber. Além disto, esta produção científica reafirma o reconhecimento das tecnologias sociais como resultado da permanência do homem e da mulher sertaneja do campo que vai descobrindo aqui condições de convivência com o clima sendo multiplicadores de conhecimentos e possibilitando que tantos outros tenham acesso a estas tecnologias por meio da transformação em políticas públicas, como é o caso da cisterna, que de experimento popular torna-se hoje uma política permanente de convivência com o semiárido brasileiro.

## Referências

ASA, Articulação do Semiárido. **Revista Programa Uma Terra e Duas Águas**, 2011a.

ASA, Articulação do Semiárido. **Caminhos Para a Convivência com o Semiárido**. 10ª edição. Recife PE, Julho de 2011b.

**CHRISTOFOLETTI, R. Vitrine e Vidraça: Crítica de mídia e qualidade no jornalismo /Rogério Christofolletti (org)**. 1 ed.Covilhã – Portugal: Lab com books/UBI,2010.

IRPAA, Instituto regional da Pequena Agropecuária Apropriada. **A roça no sertão. Convivência com o Semiárido**. Fevereiro 2001. 4ª edição.

KUNCINSK, Bernardo. **Jornalistas e Revolucionários**. São Paulo: Edusp, 1991.

SOARES, Ismar de Oliveira. **Educomunicação: o conceito, o profissional, a aplicação. Educomunicação: de experiência alternativa a política pública**. São Paulo, editora Paulinas, 1999.

SOUSA, Mauro Wilton de. **Comunicação e educação: entre meios e mediações**. Cadernos de pesquisa, n° 106, p.9-25, março/1999. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/cp/n106/n106a01.pdf>. Acesso em: 07 de Agosto de 2014.

SOUZA, Uilson Viana de. (org.) da cartilha: **Produção Agroecológica, um instrumento de convivência com o semiárido**. 1ª ed. Irecê-Bahia: Centro de assessoria do Assuruá, 2009.

SOUZA, Uilson Viana de. **O que fica no “ar”? : Discursos e Representações da seca do Nordeste no telejornalismo da Rede Globo**. 2014.47 f. Monografia (Especialização em



**Revista ComSertões**

Educação contextualizada para a convivência com o semiárido) – Universidade do Estado da Bahia – UNEB, Juazeiro BA.

UNISINOS. **Tendências na Comunicação.** Cursos de Comunicação da PUCRS, UFRGS, ULBR. LAM e RBS. Artigo da professora Denise Cogo. Comunicação e Educação, 2001.